



PEQUENAS VIDAS MIGRANTES: A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO*

Small migrant lives: education as a factor of integration

João Carlos **JAROCHINSKI SILVA**
Programa de Pós-Graduação em
Sociedade e Fronteiras (PPGSOF)
Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Boa Vista, Brasil
joao.jarochinski@ufrr.br
<https://orcid.org/0000-0002-9510-216X>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O relato procura analisar a relação entre a inserção de crianças no ambiente escolar, da educação e seus impactos em termos de integração, tanto da criança, como dos adultos que a acompanham. Destaca-se que essa análise será feita com base numa experiência migratória concreta, em que a metodologia de construção do argumento se inicia com a exposição da produção acadêmica sobre o tema da integração, seguida pelo relato da experiência vivida numa construção autoetnográfica. Durante o relato, apresentar-se-ão reflexões no sentido de salientar a importância da experiência escolar de migrantes como um fator crucial para a integração em suas comunidades de destino, além de apontar algumas ações que podem ser vistas como boas práticas a serem desenvolvidas em outros contextos migratórios, como é o caso de diversos espaços brasileiros que vivenciam a chegada de imigrantes em seus espaços escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Integração. Educação. *Elementary School*. Imigrantes.

ABSTRACT

The report seeks to analyze the relationship between the insertion of children in the school, environment of education and its impacts in terms of integration, both of the child and the adults who accompany them. It is noteworthy that this analysis will be based on a concrete migratory experience, in which the methodology for constructing the argument begins with the presentation of academic production on the theme of integration, followed by the report of the experience lived in an autoethnographic construction. Through the paper, reflections will be presented to highlight the importance of the school experience of migrants as a crucial factor for integration in the destination communities, in addition to pointing out some actions that can be seen as good practices to be developed in others migratory contexts, as is the case of several Brazilian spaces that experience the arrival of immigrants in their school spaces.

KEYWORDS: Integration. Education. Elementary school. Immigrants.

* Dedico e agradeço meus filhos Caio e Eric por terem sido muito mais fortes que o pai no processo de superação das dificuldades de uma jornada migratória.

INTRODUÇÃO

Este relato é pautado em duas experiências pessoais. A primeira é o fato de ser pesquisador de temas vinculados às migrações internacionais desde 2007, com especial atenção em temas como as políticas migratórias, ações de acolhimento e integração, xenofobia, entre outras temáticas que cruzaram minhas pesquisas. A segunda é ter vivido, como pai de duas crianças, um de dois anos e outro de cinco, a experiência de migrar para outro país e ter que tomar decisões que impactaram diretamente sobre toda a família, em especial as crianças. O fator idade é fundamental para determinar que o foco dessa reflexão pois se relaciona com crianças que estiveram no *kindergarten* ou que não conseguiram adentrar numa *Nursery School*¹.

O objetivo do texto é apresentar algumas considerações e reflexões sobre o impacto da trajetória migratória sobre as crianças, as dificuldades de inserção no ambiente escolar, as diferenças culturais, a exposição constante a outro idioma e as diferenças nos processos de ensino e aprendizagem, sob a perspectiva do pai das crianças. O impacto dessas questões não se relaciona apenas às crianças envolvidas nesse processo, elas também refletem diretamente sobre a dinâmica de integração de todos os migrantes que fazem parte da convivência desses estudantes, exigindo muita atenção sobre as ações que são desenvolvidas nesse ambiente.

Para alcançar tal objetivo, o texto apresentará alguns dos modelos de integração de imigrantes² consagrados na bibliografia, ressaltando que a maioria dos trabalhos traz a dinâmica educacional como um fator preponderante para se analisar o sucesso e o insucesso dessa experiência. O fato desse tipo de análise promover perspectivas que se desenvolvem em termos de sucesso já permite um interessante diálogo com as produções pedagógicas, pois rememora uma das formas de produção acadêmica mais comum na área, a que se debruça sobre o que é o sucesso escolar e as formas de obtê-lo.

¹ Na localidade em que residíamos, Maryland, pois há algumas distinções entre os estados, o Poder Público oferecia gratuitamente o ensino à partir dos 4 anos de idade, no chamado *Pre-Kindergarten* (quatro anos). Como tinha cinco anos, a criança mais velha foi matriculada no *Kindergarten*. As escolas dos primeiros anos de ensino eram chamadas de *Elementary* (com idades entre cinco anos, quando eram inseridas no *Kindergarten* ao chamado quinto ano (quando teriam 10 anos), totalizando no mínimo seis anos nessas escolas. Entretanto, em algumas unidades de *Elementary* era oferecido o *Pre-kindergarten*. Além desses anos iniciais, há o *Middle* com o período que compreende do sexto ao oitavo ano (dos onze aos treze anos) e depois o *High*, que contempla do nono ao décimo-segundo ano (dos quatorze aos dezessete). A *Nursery School* (de zero até quatro ou cinco anos) não é oferecida por instituições públicas, apesar de algumas medidas de apoio para famílias que necessitam desse tipo de atividade para as crianças.

² Imigrantes nesse texto também contempla os refugiados, pois em termos de integração há aspectos comuns a esses dois grupos, mesmo que possuam enquadramento jurídico distinto. (CASTLES et al., 2002)

Após essa apresentação desses modelos de integração, o relato descreverá a experiência das duas crianças nesse projeto migratório. Esse pai interessa-se pelo tema além da questão da paternidade, pois anseia para seus filhos uma vivência que os permita usufruir das diferentes realidades em outro espaço, além da oportunidade destes de construir conhecimentos que não seriam tão acessíveis no cotidiano dessas crianças em seu local de origem, como a exposição a outro idioma. Além desses elementos, a experiência prévia do pai como docente de história no Ensino Fundamental II e Médio no Brasil foi um fator que contribuiu sobre a forma de vivenciar e refletir sobre a dinâmica escolar de seus filhos.

Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pequena revisão bibliográfica sobre o tema da integração de migrantes para destacar o papel central da educação nesse campo. Após essa revisão, utilizar-se-á da autoetnografia para buscar reflexões capazes de suplantar meras impressões, produzir problematizações capazes de dialogar com a bibliografia e apontar a dimensão metodológica, cultural e de conteúdo do que se deseja refletir e contribuir para a constante conscientização do pesquisador sobre os resultados produzidos (SANTOS, 2017). Esta forma procedimental é muito necessária quando se possui uma reflexão pautada em processos sociais de forte valor relacional como é o caso da paternidade.

Espera-se, dessa forma, poder contribuir com outras produções e análises de um campo de estudo em franca ascensão no Brasil, mas que, apesar desse crescimento, ainda possuem pouco impacto no cotidiano escolar e na construção de políticas e estratégias mais amplas. Adicionalmente, a experiência como pesquisador residente na área de fronteira em Roraima, a qual tem tido nos últimos anos um intenso movimento migratório, revelando cenários que provocaram o pesquisador a produzir sobre esse tema.

A INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES

A Integração sempre foi um tema fundamental nos estudos migratórios, conforme destacaram Castles et al (2002), Kuhlman (1991) Ager e Strang (2008), entre outros. Apesar de diferentes abordagens, a dinâmica da relação dos imigrantes na comunidade do destino sempre se constituiu em tema relevante. Destaca-se nesses estudos que a primeira perspectiva por parte estatal era de tipo assimilacionista (FAVELL, 2003), isto é, o imigrante deixaria sua trajetória anterior ao processo migratório para poder adaptar-se à sociedade de destino, num processo que só caberia

a ele. Nesse sentido, elementos idiomáticos, culturais e sociais deveriam ser deixados de lado para garantir a pertença à nova sociedade.

Esta forma de interação desqualifica os repertórios migrantes, não concedendo a oportunidade para que esses possam se manifestar enquanto grupo ou indivíduo distinto, pois a padronização com os locais seria o objetivo a ser alcançado. Sem dúvida, reduz-se a perspectiva cultural a uma ideia estanque, em que as trocas culturais não ocorrem.

Por valorizarem apenas o destino, essa perspectiva recebeu críticas no sentido de que a diversidade cultural deveria ser não apenas respeitada, mas inserida dentro das sociedades de destino, cabendo a estas e as suas autoridades receberem esses imigrantes numa perspectiva pluricultural (MIRANDA, 2020), isto é, capaz de encorajar os migrantes a manterem elementos de sua trajetória anterior. Nesse tipo de abordagem, conhecida como multiculturalismo³ (BARBOSA, 2018), os autores defendem que com o reconhecimento dessa distinção entre os membros da sociedade, os pertencentes aos grupos minoritários, como os imigrantes, sentirão maior vinculação e apego com a comunidade em que estão residindo, favorecendo lógicas de mútuo reconhecimento e aceitação.

Entretanto, nem sempre esses processos se apresentam de forma harmoniosa. Diversos exemplos de tensão podem ser citados. Bauman (2013) aponta que um problema do multiculturalismo é o impedimento de que esses grupos minoritários possam engajar-se fora de sua comunidade identitária, impedindo-os de demandarem objetivos políticos maiores, pois a distinção social dentro de uma comunidade seria apenas manifestação de diversidade cultural, enfraquecendo demandas, pois se alega que elas devem ser mantidas em nome do multiculturalismo, de tal forma que esse pode ser mais um fator de exclusão em vez de interação entre imigrantes e nacionais.

Na tentativa de superar essas duas formas, uma em que o imigrante possui toda a responsabilidade pela integração e outra em que tudo deveria ser realizado pelo destino, surgiu uma corrente capaz de pensar a integração sob a perspectiva de associar elementos presentes na assimilação e no multiculturalismo. Para isso ser possível, a integração foi pensada de maneira processual, de um *continuum* desenrolado ao longo do tempo, em que o imigrante iria aos poucos fazendo parte da comunidade em que reside, não se constituindo em um processo definitivo, mas sim num procedimental

³ Segundo Barbosa, "o multiculturalismo sugere que o reconhecimento da diversidade cultural proporcionará um melhor ambiente para a integração dos imigrantes. Neste contexto, políticas multiculturais surgiram como uma solução bem fundamentada para os possíveis problemas que decorrem do pluralismo cultural" (BARBOSA, 2018, p. 31).

quase imperceptível de socialização que se realiza numa via de mão dupla, não sendo estabelecido apenas pela vontade política da autoridade ou da sociedade (SAYAD, 1998).

Trata-se de um fenômeno em que os imigrantes mantêm suas características e identidades, mas também participam da sociedade anfitriã (KUHLMAN, 1991). Esse contínuo ocorreria em diversas dimensões e demandaria elementos relativos à origem, forma como a migração ocorreu, status legal no destino, características étnicas do migrante e da comunidade anfitriã, acesso a direitos, além do grau de conhecimento da sociedade de destino, como domínio do idioma e grau de domínio das normas sociais e jurídicas.

Há uma multiplicidade de elementos que devem ser levados em conta para se pensar em termos de integração, mas a bibliografia se debruça mais sobre a empregabilidade, moradia, saúde, educação e assistência social, os denominados "marcadores meio" (AGER e STRANG, 2004).

Além dos "marcadores meio", classificados como o fator mais importante para analisar a integração, ainda há a conexão social, em que estão presentes os laços e redes existentes entre migrantes e anfitriões. Além destes, há os fatores denominados "facilitadores", como conhecimento da língua, boa capacidade de comunicação, habilidades tecnológicas e sensação de segurança no destino. Por fim, há a "fundação", a qual trata de direitos, acesso à cidadania e expectativas desses imigrantes (AGER e STRANG, 2004).

Esses quatro campos que os autores colocaram como determinantes acabam por ter relação direta ou indireta com a dinâmica educacional. Entretanto, da leitura da bibliografia mais tradicional na temática da integração, percebe-se que esses fatores são apresentados como uma realidade aplicável a migrantes adultos, restando poucas análises mais centradas em seus impactos pelas crianças e a inserção no cotidiano escolar, além de uma abordagem exageradamente estrutural.

No caso da bibliografia focada em integração de crianças migrantes em ambientes educacionais, a maioria dos trabalhos, como exemplo Hortas (2008) e Norões (2018), pauta-se em reflexões iniciadas em casos concretos e centram-se em análises de países ou municipalidades específicos, tanto em termos de nacionalidade dos imigrantes, como de um destino. Há alguns trabalhos comparativos entre grupos migrantes desde um ponto de vista mais institucional (OLIVEIRA, 2020), mas, sem dúvida, há o predomínio de descrições e reflexões sobre casos práticos, principalmente a partir de boas ou más práticas.

Alguns poucos modelos estruturais, como em Ager e Strang (2004) e Szermeta (2020) encontrados focaram suas análises em temas que relacionavam a idade de migração e a sua integração no país de destino em idade adulta, mas pouco ofereceram em termos de evidenciar essas experiências escolares, pois para terem um objeto mais paupável de ser analisado quantitativamente, estes estudos destacaram a idade de entrada no sistema escolar e comportamento na vida adulta, numa abordagem muito interessante do ponto de vista temporal, mas pouco reveladora da infância desses sujeitos.

Encontram-se hoje produções muito marcantes com abordagens centradas nas crianças, suas necessidades específicas e casos de desrespeito aos seus direitos, como as detenções de menores. Outros trabalhos lidos discutiram o acesso à educação por parte das crianças migrantes, contribuição bastante importante, ainda mais em uma era de muros (MARSHALL, 2019). Entretanto, todas essas relevantes produções não foram suficientes para tranquilizar um pai que via seu filho mais velho ir para um ambiente escolar distinto e que ele não conhecia de forma aprofundada; e seu filho mais novo ter interrompido sua inserção na educação, pois o sistema do local para o qual se dirigiram não garantia o acesso dessa criança à escola pública, já que esta era oferecida a partir de uma idade superior a que a criança possuía no momento do processo migratório.

Obviamente que a bibliografia lida em termos de integração é muito mais extensa que a vinculada com as questões educacionais de migrantes e é provável que autores e estudos importantes não tenham sido contemplados, pois não se pretende em aproximadamente um ano, em que se teve maior interesse pela temática mais centrada na questão educacional, obter o mesmo nível de profundidade de outros temas que possuem leituras realizadas ao longo de quatorze anos de pesquisa. Porém, mesmo com a intranquilidade de não se encontrar respostas aos dilemas paternos, essas leituras foram fundamentais para vivenciar essa experiência e tentar pensar em estratégias que tornassem o processo de mudança em algo não traumático e capaz de despertar interesses e sensações novas.

UMA CRIANÇA FORA DA NURSERY SCHOOL

Ao chegar ao destino, as duas crianças que empreenderam com seus pais o projeto migratório ficaram excitadas com uma realidade que se mostrava nova e bastante distinta da que eles vivenciavam. O inverno rigoroso e o desejo de ver neve

fizeram com que crianças que anteriormente viviam em Roraima estivessem muito interessadas no clima e nas roupas para se protegerem do frio.

A paisagem também não passou despercebida, já que a ausência de folhas nas árvores é muito impactante para uma criança que vive no ambiente amazônico. Chegar em dezembro à cidade de Washington D.C. foi a estratégia utilizada para tentar finalizar o ano escolar e consolidar a ideia da mudança para outra realidade. Após esse primeiro deslumbramento, começa a agonia dos pais na busca por um local de residência e todos os ajustes que isso necessita, tais como buscar uma escola e uma *nursery school*.

A questão educacional era fundamental para os pais, sendo um dos motivos da escolha do país, pois desejavam que toda a família tivesse uma imersão na língua inglesa e que os filhos mais novos pudessem vivenciar um contexto social distinto do encontrado na localidade em que residem habitualmente. O fato de Roraima possuir um sistema educacional com alguns problemas, parte deles vivenciado pela família, também fez com que os pais criassem uma grande expectativa para com a inserção de seus filhos nas instituições de ensino e almejassem que esse “intercâmbio” gerasse experiências positivas significativas para seus filhos.

Há que se ressaltar que a migração era temporária, por tempo certo, para a realização de um período como *Research Fellow*⁴ em uma Universidade local, o que evidencia um projeto migratório privilegiado em comparação com migrantes que se encontram em uma situação de vulnerabilidade econômica. Portanto, as crianças encararam aquilo como uma grande viagem, pois a ideia do retorno sempre era mencionada em suas falas. Acredito que esse caráter temporário da experiência reforçou, ainda que de forma inconsciente, a ideia de provisório que Sayad (1998) abordava em suas produções, afetando a perspectiva de integração que toda a família possuía.

A escolha do local de residência teve a influência da facilidade de escolas próximas, pois já se sabia que a educação da criança de cinco anos seria gratuita. Ao se definir o local, buscou-se a escola pública mais próxima, cerca de cinco minutos de caminhada, a East Silver Spring Elementary School, em que o processo de matrícula do meu filho mais velho, mesmo não sendo um dos chamados estado santuários⁵ dos Estados Unidos, no caso Maryland, foi bastante simples e nem foram verificadas as condições de visto da criança e de seus familiares.

⁴ Pesquisador visitante.

⁵ Localidades que adotam políticas migratórias que protegem os migrantes irregulares que ali vivem.

Já para o filho mais novo buscaram-se diversas opções de instituições que oferecessem *nursery school*, mas nenhuma delas dentro do apertado orçamento familiar, resultando na incomoda situação de que uma criança com aproximadamente dois anos de convívio em espaços de cuidado e de educação teve que alterar sua rotina, além de dificultar que um dos objetivos da viagem, a imersão dos filhos em um ambiente dominado por outro idioma, ocorresse. Sabia-se dos custos que a matrícula em uma instituição poderia gerar, mas não se imaginava que eles eram tão altos a ponto de se tornarem impossíveis dentro do orçamento previsto para o período⁶, fora que a parte estrutural dessas instituições pareceu, nas visitas realizadas pelos pais, bem inferior ao que se observa em uma localidade como Boa Vista, capital de Roraima, seja pública ou privada.

Para amenizar os inconvenientes dessa quebra da rotina da criança, buscamos os eventos infantis da localidade, organizamos passeios em museus, parques, zoológico e bibliotecas, nessas últimas sempre aconteciam atividades como leituras de histórias e brincadeiras diversas, mas sempre com duração muito restrita. O cotidiano dos pais alterou-se ao inicialmente planejado, levando-os a terem que se organizar num revezamento que contemplasse o cuidado do filho mais novo.

Tudo parecia ir muito bem com a criança mais nova, que aproveitava essa atenção dos pais e uma rotina cheia de atividades pensadas para ela. A realidade mudou quando ela percebeu que seu irmão mais velho ia para a escola, fazendo com que na maioria dos dias pedisse para acompanhar o irmão, gerando alguns desconfortos e a ruim sensação de que seus pais não estavam conseguindo atender aos seus anseios, seja do ponto de vista financeiro, pois não possuíam recursos para pagar uma *nursery school* ou do ponto de vista educacional e lúdico.

A frustração levada a cabo por essa realidade fez com que os pais acabassem por exagerar na busca por interações com outras crianças, tentando contemplar alguns dos aspectos que o ambiente da *nursery school* oferece. Obviamente, isso não deu certo. A busca pela compreensão das atitudes e comportamentos dessa criança acabaram se tornando o assunto prioritário dos pais, mas a ausência de maiores conhecimentos sobre as ações dessa idade fez com que a impressão inicial fosse de que a experiência para essa criança estivesse sendo negativa.

⁶ Nas atividades gratuitas desenvolvidas para crianças dessa faixa etária, era muito comum ver outros pais, muitos deles nativos. Em conversas informais realizadas com esses pais, eles ressaltaram que não tinham condições de custear uma *nursery school* para seus filhos ou que para reduzir os valores, optavam por não levarem seus filhos todos os dias nessas instituições.

No processo de desenvolvimento da fala, os pais acabaram por deixar de frequentar alguns dos eventos pensados para crianças da idade de seu filho, pois pensaram que ele estivesse insatisfeito com a situação. A situação só mudou quando em atividade rotineira de ida ao supermercado, a criança utilizasse de forma espontânea quatro expressões em língua inglesa, demonstrando um domínio básico do idioma que não era expresso com os pais. Uma das situações ocorreu quando uma consumidora derrubou um produto da prateleira e a criança expressou: *oh, no!* Outras situações cotidianas tinham como resposta *yes, hi e good morning*.

Essa situação inusitada evidenciou a extrema capacidade de absorção de aprendizagem idiomática nessa idade e estimulou os pais a continuarem a planejar atividades educativas desenvolvidas na comunidade. O filho acabou se tornando o principal fator de convivência dos pais com a comunidade, inclusive possibilitando a criação de uma rotina de convivência com outras pessoas, locais e migrantes, que passaram a demonstrar afeto pela criança e pelos pais, gerando uma relação de pertença ao local. A criança também foi a principal responsável pela quebra da invisibilidade social de toda a família, auxiliando na integração.

A principal dificuldade foi o fato de que as atividades não contemplavam um cabedal de informações distintas, o que gerou em muitas situações a falta de envolvimento da criança com o que era realizado. Destaca-se o fato dessa criança demonstrar grande capacidade de concentração e dedicação a determinadas atividades, principalmente para as quais ela já possui alguma vivência, motivo pelo qual a ausência do ambiente escolar tenha sido sentida, algo que não foi preenchido, mesmo com o planejamento e adequação da rotina de seus pais.

Ao mesmo tempo em que foi responsável por parte da convivência social da família, a estrutura escolar impediu que os pais desenvolvessem mais atividades como estudos ou trabalho. No caso em tela isso não gerou mais consequências, mas para outras pessoas isso poderia resultar num quadro de maior vulnerabilidade social, pois afetaria a inserção laboral, com consequências capazes de atingir o próprio desenvolvimento desse menor, sua integração futura e de todos os seus familiares. A questão econômica também é um fator fundamental para que os pais possam oferecer o mínimo de condições para seus filhos se inserirem em ambientes instigantes e propícios a obtenção de novas competências.

MAIS UM IMIGRANTE NA ESCOLA

O primeiro dia de meu filho na escola foi de grande expectativa. Preparamo-nos por seis meses com aulas de inglês para que ele conseguisse o mínimo de comunicação com colegas e professores. Ouvir os relatos de pais imigrantes e as dificuldades de seus filhos na escola me deixava com angústia. Lembro-me de uma mãe que contou o fato de sua filha ter urinado nas calças por não conseguir se comunicar com o professor.

Do alto de minha arrogância parental, tentei planejar e poupar inconvenientes como os que ouvi em minhas atividades de campo. Depois que meu filho foi para a escola, o restante do dia passava lentamente na ansiedade da espera. Não havia como não me lembrar do professor István Jancsó contando quando estava exilado na França e teve que levar sua filha pequena à escola. A sensação de insegurança enquanto pai é impressionante nessas situações.

A turma de meu filho já estava constituída há um semestre, ele era o elemento novo. Ao encontrar-me com ele o primeiro questionamento foi sobre como tinha sido a aula. Ele nada respondeu. Depois perguntei se ele tinha ido ao banheiro, ele disse que não, pois não sabia como ir, mas que conseguiu segurar a vontade de ir ao banheiro. Não foi da maneira que pensei, mas ele conseguiu resolver sua situação de alguma forma, mostrando uma resiliência muito maior do que a de seu pai para as situações problema.

Chegamos ao segundo dia, o medo era de que ele não quisesse ir à escola. Conversei com ele no sentido de que a secretária da escola, uma imigrante boliviana casada com um brasileiro, sabia falar português e que ela podia ajudá-lo. Ele chegou à escola e não titubeou em seguir para dentro. A sensação trouxe um enorme alívio. Preparamos seu lanche para que ele comesse, pois iria ficar o dia todo por lá. Ao voltar, perguntei a mesma coisa do dia anterior e novamente nenhuma resposta. Pior, o lanche voltou intacto. Perguntei o motivo e ele disse que não sabia que horas devia comer.

A vontade era de voltar imediatamente para casa para poupá-lo de tamanha dificuldade, mas sabia que ele continuaria a buscar formas de resolver o problema. Na questão do lanche, fizemos a inscrição no programa de subsídios oferecidos pelo estado de Maryland e dois dias depois fomos contemplados. Começamos, em domínio do cardápio diário, a ensinar o que ele deveria pedir. A alimentação não era saudável e pautada numa dieta tradicional dos cidadãos dos Estados Unidos, como: *pizza*, *hot dog*, hambúrguer, taco e predomínio de produtos industrializados. A escola que ele estava possui muitos imigrantes, de diversas nacionalidades, mas com predominância de etíopes e pessoas oriundas de países da América Central. Isso deixou-me um pouco constrangido, pois a alimentação só contemplava alimentos tradicionais dos nacionais,

e mesmo os tacos, servidos todas as semanas, seguiam o padrão *tex-mex* que agrada aos habitantes dos Estados Unidos, não necessariamente os latino-americanos.

A lógica assimilacionista pareceu predominante em relação à alimentação, gerando certa inconformidade com essa decisão. Não pensamos em algo brasileiro, mas dada a quantidade de etíopes, a demanda deles poderia ser considerada. Entretanto, a dinâmica de auxiliar as crianças era bastante confortadora. Depois de uma semana de aula, fui chamado para conversar e eles me explicaram os procedimentos de estudo de idioma, em que meu filho teria aulas com alunos com o mesmo grau de compreensão dele. Os documentos escolares eram escritos em inglês e espanhol, assim como as ligações informativas. A escola também possuía documentos escritos em língua amárica.

Isso não me pareceu uma ação multicultural, mas o aceite do fato de que muitos ali eram imigrantes e que reconhecer essa condição era necessário para o cotidiano escolar. Outro ponto positivo foi a rápida inserção de meu filho nos planos de assistência alimentar e de ingresso sem custos em um dos treinos esportivos, no caso o de basquete, reforçando a ausência de discriminação em relação a sua origem para acesso a direitos e benefícios.

Percebíamos no dia a dia que ele comentava mais coisas sobre a escola, falava de seus colegas, apesar de não recordar o nome de nenhum, era reconhecido nos espaços públicos por outras crianças, relatava temas que aprendia, começou a gostar da alimentação, demonstrou entusiasmo nas aulas de arte e de música e resolvia seus problemas no ambiente escolar sem maiores problemas, a ponto de ir para uma visita em um aquário em outra cidade sem qualquer tipo de problema.

O mais interessante foi ter convivido com crianças de diferentes origens nacionais, étnicas e sociais e não ter qualquer dificuldade de relacionamento. Evidenciou-se que a xenofobia é uma construção social e que não sendo exposta a esse tipo de comportamento, as crianças podem ensinar algo importante para seus pais, como a ausência de preconceitos. Esse tipo de ensinamento é bastante importante, visto que há inúmeros casos de *bullying* contra imigrantes⁷ (OLIVEIRA, 2020) como o caso dos bolivianos em São Paulo e de venezuelanos em Roraima. Obviamente, em

⁷ Há o debate em parte da bibliografia sobre a conceituação dessa violência como xenofobia ou racismo. No caso da xenofobia, autores que se posicionam contra o uso desse termo, alegam que os imigrantes e refugiados já se encontram no território, portanto, não há como ter o sentimento xenofóbico contra esses imigrantes, por isso, alguns autores optam pela utilização de termos como preconceito e racismo nesses casos de violência. Nesse relato, optamos por manter o termo *bullying*, pois ele é bastante utilizado pelos autores para determinadas manifestações que ocorrem dentro do ambiente escolar ou que guardam relação com este.

idades menores combater esse tipo de prática e valorizar a experiência do outro possui menor resistência entre as crianças.

No caso de pais não falantes do idioma, a presença dessas crianças na escola é um fator importante de integração, pois eles podem retransmitir os conhecimentos aprendidos, assim como conhecimentos mais amplos sobre a localidade. Porém, para que isso permita uma maior participação social desses migrantes, há que se romper uma lógica muito presente em cidades destino de fluxos que é a guetização (WACQUANT, 2008) de espaços restritos para esses imigrantes.

A experiência em uma escola com grande pluralidade foi bastante significativa, pois permitiu o contato com várias culturas, mas era evidente a predominância da cultura dos Estados Unidos, mesmo com as crianças nascidas no local são serem esmagadora maioria na escola. Evidenciou-se que o Estado consegue reforçar seu papel de intermediador das relações sociais, reforçando a importância dos países oferecerem canais de interação entre os imigrantes e a comunidade local, mesmo que acabem por impor algumas condicionantes, como o idioma, mas que também se esforcem para oferecer ao que lá se encontram condições de superar as dificuldades dessas barreiras representadas pelas condicionantes.

Quando meu filho parecia estar habituado e envolvido com a escola, com pouco mais de dois meses de aula, a experiência do convívio escolar foi modificada pela Covid-19. Depois de três semanas sem aulas, a escola começou a oferecer atividades pela internet. A interrupção e a adoção de uma nova metodologia de trabalho acabaram impedindo que os avanços que começavam a ser observados fossem desenvolvidos. Ele começou a apresentar resistência ao aprendizado de inglês, alegando que não há motivo para ele aprender o idioma. As relações com os colegas foram enfraquecidas e ele retomou a falar de seus antigos colegas do Brasil.

A frieza da metodologia virtual para crianças de cinco anos reforçou aquela que aparentava ser a maior dificuldade vivenciada por meu filho, a sensação de ausência de afeto por parte do ambiente escolar. As vivências escolares anteriores que ele teve eram sempre marcadas por grande afeto por parte de colegas e professores, um padrão muito distinto do apresentado nos Estados Unidos, que reforça sua insegurança e sentimento de não pertencimento ao espaço.

Resta evidente que, apesar de todas as positivas ações realizadas pela escola, da percepção da presença de crianças imigrantes em seu cotidiano, não foram realizadas ações que contemplassem os estudantes em sua plenitude, principalmente emocionais. Meu filho nunca teve uma escola que contemplasse o conhecimento de forma tão ampla,

mas ao mesmo tempo nunca esteve num ambiente tão frio a ponto de não ter saudades como teve das demais escolas em que esteve. Ele não se sentiu como parte dessa instituição.

A ideia de que as crianças são altamente adaptáveis pode gerar procedimentos escolares em que eles não são percebidos como pessoas dotadas de necessidades específicas. Não se pode confundir adaptabilidade com a exigência de comportamentos que escondam aspectos de formação afetiva e ética, pois poderá se reproduzir uma dinâmica assimilacionista, mesmo com a percepção da presença dessas crianças imigrantes no ambiente escolar. Eles também devem ser contemplados em ações de integração, com atenção para especificidades decorrentes de suas trajetórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões sobre os apontamentos da bibliografia, percebe-se que a dinâmica da integração é centrada numa ideia de imigrante predominante, o indivíduo adulto inserido no mercado de trabalho. As crianças pouco são abordadas enquanto indivíduos que precisam de ações de integração, muito menos em seu papel como facilitadores da integração dos adultos que as acompanham.

Já a pedagogia possui pesquisas e análises que analisam de maneira pormenorizada a presença migrante no ambiente escolar, principalmente em temas como a violência contra esses grupos, ensino de idioma, pluralidade cultural dentro da sala de aula, processos de adaptação e validação de conhecimentos adquiridos anteriormente, mas pouco se desenvolve em relação ao papel social desses alunos em relação as suas trajetórias futuras e seu papel enquanto agentes facilitadores de integração, pois, via de regra, são em suas casas os que mais possuem contato com uma instituição estatal, a escola.

Relatar a experiência vivenciada por meus filhos foi importante para reforçar em minhas pesquisas o fato de que lidamos com pessoas, com demandas específicas, que precisam de respostas para seus dilemas. Ressaltou também que abordagens meramente estruturalistas muitas vezes não são capazes de apresentar modelos aplicáveis a todos os casos, mas que podem facilitar processos de comparação entre diferentes situações, as quais, quando providas de informações mais especializadas em relação aos fatos, podem auxiliar na construção de respostas para as demandas.

Sayad (1998) já destacava que a migração é fato social completo, necessitando para seu estudo de uma verdadeira "integração" de diferentes abordagens científicas

para ser dotado de profundidade suficiente para responder aos diversos questionamentos do tema. A experiência migratória vivida reforçou o acerto do ensinamento de Sayad e a urgência de ampliar os horizontes nos estudos migratórios, como é o caso da integração de crianças e de suas famílias.

REFERÊNCIAS

AGER, Alastair; STRANG, Alison. Understanding integration: A conceptual framework. **Journal of refugee studies**, v. 21, n. 2, p. 166-191, 2008.

BARBOSA, Raul Felix. Integrando imigrantes e refugiados: em busca de definições. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 6, n. 1, p. 24-43, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTLES, Stephen. et al. **Integration: mapping the field**. Londres: Home Office Immigration Research and Statistics Service, 2002.

FAVELL, Adrian. (2003), Integration Nations: The Nation-State and research on Immigrants in Western Europe. In: BROCHMANN, G. (org.) **Multicultural Challenge (Comparative Social Research)**. Bingley: Emerald Group, p. 13-42, 2003.

HORTAS, Maria João. Territories of integration: the children of immigrants in the schools of the Metropolitan Area of Lisbon. **Intercultural Education**, v. 19, n.5, p. 421-433, 2008.

KUHLMAN, Tom. The economic integration of refugees in developing countries: a research model. **Journal of Refugee Studies**, v. 4, n. 1, p. 1-20, 1991.

MIRANDA, Uiara Lopes. **A Condição de Refúgio: reflexões analíticas a partir da experiência brasileira**. 2020. Dissertação (mestrado em administração pública) – Fundação João Pinheiro, Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, Belo Horizonte, 2020.

NORÕES, Katia Cristina. **De criança a estrangeira, de estrangeira a criança: mobilização social, agenda política e educação pública no município de São Paulo**. 2018. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O imigrante na política educacional brasileira: um sujeito ausente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-15, 2020. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. M. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, 24(1), p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SZERMETA, Ivy Serena Oliveira. **O Processo de Integração dos Refugiados na Comunidade Anfitriã: estudos com migrantes venezuelanos**. 2020. Dissertação (mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária, Universidade de São Paulo, 2020.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

NOTAS

Título da Obra

PEQUENAS VIDAS MIGRANTES: A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO

Small migrant lives: Education as a factor of integration

João Carlos Jarochinski Silva

Programa de Pós-Graduação em
Sociedade e Fronteiras (PPGSOF)

Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Boa Vista, Brasil

joao.jarochinski@ufrr.br

<https://orcid.org/0000-0002-9510-216X>

Endereço de correspondência do principal autor

Centro de Ciências Humanas, Campus Paricarana da UFRR, Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413. Bairro: Aeroporto. CEP: 69304-000. Boa Vista / RR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Center for Latin American & Latino Studies (CLALS) da American University pela oportunidade como Research Fellow.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. C. Jarochinski Silva

Coleta de dados: J. C. Jarochinski Silva

Análise de dados: J. C. Jarochinski Silva

Discussão dos resultados: J. C. Jarochinski Silva

Revisão e aprovação: J. C. Jarochinski Silva

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 30-04-2020 – Aprovado em: 20-07-2020